

PROVAS DE NÓS: POR QUE E COMO PRESERVAR FOTOGRAFIAS EM ARQUIVOS DOMÉSTICOS?

Laura Mie de Azevedo Nicida (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro),
Bruno Ferreira Leite (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro)

1 INTRODUÇÃO

Sue McKemmish (2014) deve o título de seu artigo “Provas de mim” a uma passagem do romance "Ever After" de Graham Swift. Em consonância, devemos o título deste trabalho à obra de Sue McKemmish. Todavia, aqui não trataremos só de “provas de mim”, mas também de "provas de nós", ao pensarmos na acumulação de fotografias no âmbito pessoal e de famílias e, mais especificamente, sobre sua organização, preservação e a importância destes para a memória familiar como documentos que comprovam existências e resistências.

Em 11 de março de 2020 o surto do novo coronavírus foi caracterizado como uma pandemia pela Organização Mundial da Saúde fazendo com que diversas pessoas no mundo entrassem em isolamento a fim de frear o avanço do vírus (OPAS, s.d). Nesse longo período surgiu uma necessidade da autora deste artigo de compartilhar fotografias entre membros de sua família que não estavam isolados na mesma residência. A atividade começou sem pretensões de preservação a longo prazo, entretanto, em determinado momento surgiu a vontade e a necessidade de disponibilizar e preservar o conjunto de fotografias de uma maneira mais eficiente. Somado a isso, foi percebido que muitas

informações já não eram tão "óbvias". Algumas foram totalmente ou parcialmente esquecidas e alguns álbuns estavam em estado de deterioração avançado.

Durante os anos de 2020 e 2021, além da preocupação com o coronavírus, uma exposição de violências contra pessoas racializadas foi crescendo ao redor do mundo a partir de, por exemplo, os assassinatos de George Floyd (BBC, 2020), João Pedro (COELHO et al, 2020), o ataque a centros de massagem em Atlanta (O GLOBO; AGÊNCIAS INTERNACIONAIS, 2021), dentre outros. Em contrapartida, houve uma onda de protestos antirracistas no Brasil e no mundo. Nesse sentido, foi colocado como fundamental para este estudo compreender questões inerentes à memória de grupos vistos como "minorias" na sociedade.

Foi então escolhido como objeto do estudo o acervo da família "Azevedo Nicida", sob a justificativa de esta ter fomentado o desenvolvimento do trabalho em um período de difícil acesso a outros acervos e, especialmente, por se tratar de uma família afro-nipo-brasileira. Elaboramos como objetivos (1) compreender e evidenciar a importância da preservação de fontes orais e fotográficas de modo integrado; (2) demonstrar métodos de organização de acervos fotográficos com recursos humanos e materiais limitados, trazendo então o como e o porquê preservar e tornar acessíveis fotografias pessoais e familiares em âmbito doméstico; e (3) refletir sobre a importância da memória familiar e dos indivíduos, sobretudo em um contexto pandêmico.

O estudo também busca ser instrumento de auxílio para membros da sociedade civil e aos colegas arquivistas atuantes nessa área na árdua tarefa da preservação de fotografias e da memória de suas famílias de modo mais acessível possível, apresentando uma metodologia possível para, além de auxiliar, aproximar a sociedade da Arquivologia.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, exploratória, com um estudo de caso na qual foram traçados paralelos entre a bibliografia acadêmica sobre organização de acervos e a experiência de organização do objeto do estudo de caso, o acervo fotográfico da família "Azevedo Nicida", refletindo para além do "como preservar": o porquê preservar.

3 POR QUE PRESERVAR

A preservação pode ser entendida como "prevenção da deterioração e danos em documentos, por meio de adequado controle ambiental e/ou tratamento físico e/ou químico" (ARQUIVO NACIONAL, 2015, p. 135). Em

perspectiva teórica e ideal, um trabalho de preservação nunca terá fim, pois pode ser entendido como um processo contínuo que demanda tempo, dedicação, investimentos e apoio (SILVA, 2011). Leite (2021) destaca ainda que "é necessário observar que não é possível preservar um bem material em seu estado original para sempre, o que leva a escolhas sobre como, o quê, por que, para quem e até quando preservar" (LEITE, 2021, p. 49).

3.1 Memória, sociedade e o papel dos arquivos

Nelson Mandela define a luta contra o Apartheid na África do Sul como a "luta entre a memória e o esquecimento [...] [onde por um lado existe o] ímpeto de contar uma história, de atestar, de memorializar [e por outro lado existem os] movimentos de 'eliminar memória', nos atos de 'memoricídio'" (MCKEMMISH, 2014, p. 21). A fim de destacar a importância da preservação para a disputa entre memórias é relevante entender como essa preservação de fontes interfere no produto da "história oficial" e que esta pode sofrer modificações no decorrer das críticas e mudanças na sociedade de acordo com o produto da luta entre memória e esquecimento apontado por Mandela. Marques et al (2008) destacam o papel da história nos objetos de análise de saúde pública. Trazemos, então, em consideração a responsabilidade do arquivista de gerir e preservar documentos referentes às atividades desempenhadas por entidades públicas e privadas.

Mbembe (2020), destaca a necropolítica durante os períodos dos "estados de exceção", mas para além disso, a atuação multifacetada desta que "pode ser identificada desde o agente de polícia que mata o jovem negro que segura uma sombrinha até a não estruturação de políticas públicas voltadas ao enfrentamento dos graves desdobramentos da pandemia de coronavírus" (MELO; RODRIGUES, 2021, p. 145). É possível observar como a "necropolítica e racismo estrutural agravam a condição de vulnerabilidade das populações negras" (MELO; RODRIGUES, 2021, p. 135) durante a pandemia da Covid-19, onde a

necropolítica de Estado, potencializada pelo racismo estrutural que baliza nossa sociedade não foi arrefecida pela errônea leitura de que o [corona]vírus teria um caráter democrático ao atingir ricos ou pobres, brancos ou pretos. Pelo contrário, o contexto tem revelado que ações necropolíticas e racistas foram aprofundadas. **A necropolítica aparece justamente no fato de que o vírus não afeta a todos de maneira igual.** (MELO; RODRIGUES, 2021, p. 135, grifo nosso)

A memória é um território em disputa constante que mostra uma necessidade, igualmente constante, de “revisão (auto)crítica do passado” (POLLAK, 1989, p. 4). Por exemplo, a tentativa de apagamento dos povos originários, ou como diz Jecupé (2020), “a tarefa de apaziguar o branco” (p. 63), se dá do Brasil colônia até hoje, tal qual em 2021 com a aprovação do Projeto de Lei 490/2007, também conhecido como “Marco Temporal” (ALBUQUERQUE, 2021; CARTA CAPITAL, 2021), tendo em vista que 114 indígenas vivem isolados da sociedade espontaneamente respaldados pela Constituição Brasileira de 1988, e com a aprovação do Projeto esse direito previsto será colocado em risco, abrindo as portas para seu genocídio (ALESSI, 2021). Tal fato demonstra não só a “vontade de memória”, mas a necessidade de memória para a luta de resistência/sobrevivência de um grupo e para a garantia de seus direitos previstos constitucionalmente.

Para Kaká Werá Jecupé (2020), a história do Brasil foi contada a partir da memória cultural dos povos originários. A história do desenvolvimento da humanidade contada pelo autor é uma história diferente da contada por: muçulmanos no Alcorão, por cristãos na Bíblia, por peelistas na Perfect Liberty, por budistas no Budismo, por historiadores em suas pesquisas, por físicos em suas teorias, por biólogos em suas experimentações...

Enfim, essas perspectivas são muitas vezes completamente diferentes, entretanto, podem não ser auto-excludentes e, sobretudo, deveriam coexistir pacificamente em um ambiente de respeito pela identidade de cada grupo (SAID, 2007). Um exemplo pode ser visto no texto do físico Stephen Hawking (2015) onde é afirmado que “um universo em expansão não impede que haja um criador, mas impõe limites sobre quando esse trabalho pode ter sido executado!” (HAWKING, 2015, p. 20)

Edward Said (2007) faz críticas ao termo “orientalismo” por se tratar de uma invenção superficial de “identidades coletivas para multidões de indivíduos que na realidade são muito diferentes” (SAID, 2007, p. 25). Por ser um autor palestino, Said tem um enfoque maior em questões inerentes ao Oriente Médio, mas considera neste trabalho também os asiáticos do Leste e parte da Ásia Central.

A propagação de notícias (“verdadeiras” ou falsas) e posições do governo brasileiro durante o período de pandemia da Covid-19 adquiriram muitas vezes posições sinofóbicas que afetaram não só a comunidade chinesa, como também qualquer pessoa que tivesse fenótipo “semelhante”. Kohatsu et al (2021) selecionou 40 publicações com conteúdos diversos sobre sinofobia e coronavírus e Yamanaka (2021) fez uma análise do discurso noticioso durante a pandemia e algumas de suas repercussões nas redes sociais demonstrando o

quanto a interpretação de uma notícia, e sobretudo como ela é produzida pelos veículos de comunicação, tem o poder de instigar ou não propagações de notícias que faltam com a verdade ou têm dúbia interpretação e, por sua vez, “podem abrir espaço para [...] práticas de discriminação racial” (YAMANAKA, 2021, p. 125). Isto é, conseguir interpretar o contexto da produção de uma notícia é importante para entender de fato qual o seu objetivo (o que não é diferente para os arquivos).

É preciso destacar a complexa relação entre a informação arquivística e o Estado onde essa informação “reflete e fornece elementos à construção de uma racionalidade estatal” (JARDIM, 1999, p. 47). A informação é, ou deveria ser, um elo entre o Estado e a sociedade; visto que “os arquivos constituem um mecanismo de legitimação do Estado e simultaneamente agências do poder simbólico” (JARDIM, 1999, p. 37). O arquivo é a materialização de uma representação sobre o que já aconteceu, é a tentativa de “parar o tempo”, logo, negar o arquivo é negar o passado (MBEMBE, 2002). É possível inferir que existe uma espécie de dicotomia onde não existe Estado sem arquivos e a existência dos arquivos é uma ameaça ao Estado.

Jimerson (2007) considera que os arquivos têm um potencial de poder, e que o arquivista, ao invés de negá-lo, deveria abraçá-lo. Esse potencial se faz presente em algumas situações, e, dentre elas, destacamos a relacionada à justiça social onde o verdadeiro propósito do arquivista ganha visibilidade, visto que se não for para ser útil para a sociedade qual seria o real propósito de se acumular e preservar uma quantidade massiva de registros arquivísticos? De acordo com Michelle Caswell (2014), os direitos humanos e seus objetivos têm um aspecto crucial na prática e no conhecimento arquivístico, isto é, no modo como o arquivista irá pensar os arquivos, o que ele representará, quem representará e para quem ele será representado.

O papel dos arquivos se fez (ou poderia ter sido feito) presente em diversos eventos da humanidade: Primeira Guerra Mundial, Holocausto, Apartheid, Ditadura no Chile, Golpe Militar de 1964 no Brasil, escravidão, imperialismo etc. Tais eventos confirmaram a importância do ativismo do arquivista na divulgação de materiais de direitos humanos, de modo que a democracia seja sustentada, que as vítimas do passado sejam (no mínimo) reconhecidas, que aqueles que cometeram crimes contra os direitos humanos sejam punidos, que aquilo que aconteceu antes não volte a acontecer, que a busca por uma igualdade de direitos humanos em uma escala global e pela convivência dos povos humanos seja finalmente alcançada (QUINALHA, 2013).

A fotografia, como um documento de arquivo, não é diferente para os processos de (re)construção das identidades. Tal como os documentos textuais, a fotografia pode ser entendida como um espaço de autorreflexão dos indivíduos enquanto parte de um grupo (família e sociedade) (CAETANO, 2007).

4 COMO PRESERVAR

De acordo com o BPM CBOOK (2013) “processo é uma agregação de atividades e comportamentos executados por humanos ou máquinas para alcançar um ou mais resultados” (p. 35). *Business Process Management* (BPM), Gestão de Processos de Negócio ou, simplesmente, Gestão de Processos é mais comumente utilizado em administração de empresas, mas pode ser útil para qualquer atividade que necessite de eficiência e planejamento.

Sendo assim, para começar a atividade de preservação foi feito um planejamento do que se pretendia atingir como objetivos, a partir de um desenho de processos (fluxograma) feito em conjunto com a “equipe” composta pelo próprio núcleo familiar custodiador. Destaco o grau de proximidade da equipe de planejamento com o acervo porque ao final do trabalho de organização foi compreendido que não existe ninguém melhor que o próprio produtor para a organização de seus próprios documentos. Caso existam aportes teóricos e auxílio de pessoas dispostas a conhecer e compreender, parafraseando Nora (1993): a vontade e o dever da memória fará de cada um o arquivista de si mesmo.

A metodologia adotada para a base da organização seguiu o “princípio básico da Arquivologia segundo o qual o arquivo produzido por uma entidade coletiva, pessoa ou família não deve ser misturado aos de outras entidades produtoras” (ARQUIVO NACIONAL, 2015, p. 136). Não foram definidos terminologicamente quais conjuntos de documentos seriam considerados “fundos”, e sim considerada a família como custodiadora de documentos produzidos por três categorias de proveniências: (1) núcleos de constituições familiares antecessoras; (2) documentos produzidos pela família custodiadora e, além disso, foram considerados também (3) uma esfera mais individual dos membros (BELLOTTO, 2006).

A história não é feita somente com os documentos que nascem históricos, mas também com uma infinidade de documentos do cotidiano decorrentes de atividades diversas, isto é, o documento não faz sentido sozinho, é importante existir uma contextualização (BELLOTTO, 2006). No caso dos Arquivos Permanentes, essa contextualização se dará através do arranjo e descrição e para isso é necessário fazer a identificação do contexto de

produção dos documentos. Tal etapa consistiu em um mapeamento da árvore genealógica (a qual será considerada uma espécie de quadro de arranjo), visto que “quando elaboramos uma árvore genealógica estamos narrando histórias de vida, ao mesmo tempo em que estamos representando o social” (ROSO, 2010, p. 388).

A História Oral pode ser definida como “um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica, etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, e visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo” (ALBERTI, 2013, p. 24). Para o nosso caso, foram testadas duas formas de uso da História Oral: na primeira foram feitas ligações de voz²⁷³, e na segunda foram utilizadas as ferramentas de mensagem instantânea via aplicativo WhatsApp. Isto é, era enviada uma cópia do representante digital da fotografia e a pessoa entrevistada fazia a identificação do material enviado. A partir dessa identificação de contexto²⁷⁴ foi traçada então certa cronologia das fotografias.

Após a atividade de arranjo, foi imprescindível a descrição para que o acesso fosse possível. Sendo assim, as fotografias inseridas em álbuns foram legendadas nos próprios álbuns com o objetivo de um fácil entendimento no momento do manuseio. Como o projeto de organização deste acervo contou com a etapa de digitalização, foram adicionados metadados com o uso do *software Adobe Bridge*. A descrição então sumarizou as informações coletadas durante as entrevistas, pesquisas e conhecimento prévio dos organizadores do acervo.

Como o objetivo do projeto de organização pretendia disponibilizar o acesso das fotografias para outras pessoas que não tinham a possibilidade de acessá-las de forma presencial durante a pandemia da Covid-19, foi utilizado um scanner de impressora Multifuncional, sendo as digitalizações salvas em um HD externo e, após todas as etapas de descrição, foram disponibilizadas para acesso no *Google Fotos* e no *Facebook* em grupos privados entre os membros da família interessados.²⁷⁵

No filme “*Slow Fires: On the Preservation of the Human Record*” (1987) é feita uma analogia entre o filme *Titanic* (1997) e a salvaguarda de acervos, onde dada a iminente tragédia da colisão do navio *Titanic* com um

²⁷³ Devido ao contexto de pandemia, não foram feitas entrevistas presenciais

²⁷⁴ Essa etapa de identificação de contexto contou com outros processos que podem ser encontrados em Nicida (2021)

²⁷⁵ Outras formas de digitalização e detalhes desses processos podem ser encontrados em: <https://ims.com.br/eventos/a-imagem-digital-no-contexto-pessoal/>. Acesso em: 11 de abr. 2022

iceberg foi determinado que as mulheres e as crianças seriam salvas nos botes. Esta será então a lógica levada para os acervos domésticos, visto que preservar " [...] requer avaliação e estabelecimento de prioridades. Deve-se reconhecer que escolhas precisam ser feitas; processos, planejados; estruturas, levantadas; ações, realizadas continuamente" (LEITE, 2021, p. 86).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os arquivos são conjuntos de documentos com caráter probatório e memorial. Foi compreendido então que os arquivos domésticos constituem provas da existência de indivíduos e grupos. Autoconhecimento é informação e informação é poder, poder este fundamental para a reivindicação de direitos enquanto parte de uma sociedade e “mais que um ‘lugar de memória familiar’, os álbuns forjam um espelho social que reflete imagens de um passado construído com os olhos no presente” (RENDEIRO, 2010, p. 8).

A tarefa de tornar os arquivos acessíveis em qualquer esfera não é possível sem apoio, mas é necessária uma postura de ser um arquivista ativo, que disponibiliza o acesso dos documentos de modo que a informação contida nestes alcances a população de fato, fomentando então o status de instituições arquivísticas como instituições cada vez mais abertas à sociedade.

Tais ações de acessibilidade visam não “só” manter a própria razão de ser de um arquivo como um registro de prova, e do papel da informação arquivística como o elo entre Estado e sociedade, mas assim como também da manutenção da democracia e da garantia de direitos da própria sociedade, dos povos que lutam e resistem. Recomendamos aqui então, cada vez mais, a aproximação da Arquivologia com a sociedade de forma direta, pois, dessa maneira, a área tenderá a se desenvolver cada vez mais. Enfatizamos aqui o papel da memória que ajuda “a dar sentido à nossa existência; ela nos faz tornar cidadãos, compreender melhor o mundo, e a compreender quem somos” (FELIZARDO; SAMAIN, 2007, p. 213).

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3. ed. [s.l.] : Editora FGV, 2013.

ALBUQUERQUE, Flávia. Guaranis protestam contra projeto que dificulta demarcação de terras. **Agência Brasil**, Brasília, 2021. Disponível em: <<https://agenciabrasil.etc.com.br/direitos-humanos/noticia/2021-06/guaranis-protestam-contr-projeto-que-dificulta-demarcacao-de-terras>>. Acesso em: 23 jan. 2022.

ALESSI, Gil. Indígenas isolados no Brasil entram em risco de extinção com avanço de projeto na Câmara. **El País**, Brasil, 2021. Disponível em:

<<https://brasil.elpais.com/brasil/2021-07-02/indigenas-isolados-no-brasil-entram-em-risco-de-extincao-com-avanco-de-projeto-na-camara.html>>. Acesso em: 23 jan. 2022.

ARQUIVO NACIONAL (BRASIL) (ORG.). **Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística**. Rio de Janeiro. 2015.

BBC. Caso George Floyd: morte de homem negro filmado com policial branco com joelhos em seu pescoço causa indignação nos EUA. **G1**. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/05/27/caso-george-floyd-morte-de-homem-negro-filmado-com-policial-branco-com-joelhos-em-seu-pescoco-causa-indignacao-nos-eua.ghtml>>. Acesso em: 23 jan. 2022.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos permanentes: tratamento documental**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BPM CBOK. **Guia para o Gerenciamento de Processos de Negócio: Corpo Comum de Conhecimento**. 1. ed. Brasil: ABPMP, 2013.

CAETANO, Ana. Práticas Fotográficas, Experiências Identitárias: a fotografia privada nos processos de (re)construção das identidades. **Revista Sociologia, Problemas e Práticas**, Lisboa, n. 55, p. 69–89, 2007. Disponível em: <<https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/1114>>. Acesso em: 23 jan. 2022.

CARTA CAPITAL. Indígenas guarani bloqueiam rodovia em protesto contra PL 490. **Carta Capital**, Brasil, 2021. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/indigenas-guarani-bloqueiam-rodovia-em-protesto-contr-pl-490/>>. Acesso em: 23 jan. 2022.

CASWELL, Michelle. Defining human rights archives: introduction to the special double issue on archives and human rights. **Arch Sci** 14 (2014): 207–13.

COELHO, Henrique; JÚNIOR, Eudes; PEIXOTO, Guilherme; G1 RIO; TV GLOBO. Menino de 14 anos morre durante operação das polícias Federal e Civil no Complexo do Salgueiro, RJ. **G1**: Rio de Janeiro. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/05/27/caso-george-floyd-morte-de-homem-negro-filmado-com-policial-branco-com-joelhos-em-seu-pescoco-causa-indignacao-nos-eua.ghtml>>. Acesso em: 23 jan. 2022.

FELIZARDO, Adair; SAMAIN, Etienne. A fotografia como objeto e recurso de memória. **Discursos fotográficos**, Londrina, v. 3, n. 3, p. 205–220, 2007.

HAWKING, Stephen. **Uma breve história do tempo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.

JARDIM, José Maria. **Transparência e opacidade do estado no Brasil: usos e desusos da informação governamental**. Niterói. 1999.

JECUPÉ, Kaká Werá. **A terra dos mil povos: história indígena do Brasil contada por um índio**. 2. ed. São Paulo: Peirópolis Ltda, 2020.

JIMERSON, Randall C. Archives for All: Professional Responsibility and Social Justice. **The Society of the American Archivist**, Chicago, v. 70, p. 252–281, 2007.

KOHATSU, Lineu Norio; SAITO, Gabriel Katsumi; ANDRADE, Patrícia Ferreira de; **Imigração, Mídia e Xenofobia: A Ameaça Imaginária em Questão**, p. 125 -146. In: Teoria Crítica, Violência e Resistência. São Paulo: Blucher, 2021. Disponível em: <openaccess.blucher.com.br/article-details/07-22542>. Acesso em: 23 jan. 2022.

LEITE, Bruno Ferreira. **O ensino de preservação nos cursos brasileiros de Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia e Ciência da Informação**. 2021. Tese (Doutorado em Ciência da Informação). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

MARQUES, Maria Cristina Costa; MARCÍLIO, Maria Luiza; BERRIDGE, Virgínia. História e saúde: um diálogo sobre a epidemia de Aids/HIV. **Ciência, Cuidado E Saúde**, v. 1, n. 1, p. 185–188, 2008.

MBEMBE, Achille. The power of the Archive and its Limits. **Refiguring the Archive**. Africa: Kluwer Academic Publishers, 2002. p. 19–26.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte**. São Paulo: n-edicoes, 2020.

MCKEMMISH, Sue. **Provas de mim... novas considerações**. In: ISABEL TRAVANCAS; JOËLLE ROUCHOU; LUCIANA HEYMANN (org.). Arquivos Pessoais. Reflexões Multidisciplinares e Experiências de Pesquisa. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014. p. 17–43.

MELO, André de Oliveira Sena; RODRIGUES, Mariana Nogueira. Pandemia e Estado Micropolítico: um ensaio sobre as Políticas Públicas e o agravamento das vulnerabilidades da população negra frente ao COVID-19. **Revista Fim do Mundo**, São Paulo, n. 4, p. 133–154, 2021.

NICIDA, Laura Mie de Azevedo. **Provas de nós: por que e como preservar fotografias em arquivos domésticos?** 2021. 133f. Monografia (Graduação Arquivologia). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História: **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, São Paulo, p. 7–28, 1993.

O GLOBO; AGÊNCIAS INTERNACIONAIS. Ataques a centros de massagem em Atlanta deixam 8 mortos, incluindo 6 mulheres de ascendência asiática. **O Globo**. Estados Unidos da América, 2021. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/ataques-centros-de-massagem-em-atlanta-deixam-8-mortos-incluindo-6-mulheres-de-ascendencia-asiatica-24928504>>. Acesso em: 23 jan. 2022.

OPAS. ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Histórico da pandemia de COVID-19**. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>>. Acesso em: 23 jan. 2022.

PEDERSOLI JR, José Luiz; ANATOMARCHI, Catherine; MICHALSKI, Stefan. **Guia de Gestão de Riscos para o Patrimônio Museológico**. Roma: ICCROM, 2017.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Revista Estudos Históricos**, Fundação Getulio Vargas, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3–15, 1989.

QUINALHA, Renan Honório. **Justiça de transição**: contornos do conceito. São Paulo: Outras expressões; Dobra Editorial, 2013.

RENDEIRO, Márcia Eliza Lopes Silveira. Álbuns de família – Fotografia e Memória; Identidade e Representação. Rio de Janeiro. Anais do XIV encontro regional de história da ANPUH-RIO: memória e patrimônio, 2010. Disponível em:

<<http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/site/anaiscomplementares#M>>.

Acesso em: 23 jan. 2022.

ROSO, Adriane. Psicologia e história: acerca da construção de árvores genealógicas ou como retomar lembranças de família em sociedades de rede. **Psico**, Santa Maria, v. 41, n. 3, p. 385– 392, 2010.

SAID, Edward W. **Orientalismo**: o oriente como invenção do ocidente. 1. ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.

SANDERS, Terry. “Slow Fires” On the preservation of the human record”. Documentário. **American Film Foundation**, 1987.

SILVA, Sérgio Conde de Albite. A preservação da informação: um cenário em arquivos e bibliotecas. **Verbo de Minas: letras**, Juiz de Fora, v. 11, n. 19, jan./jul.2011. Disponível em:

<<https://seer.cesjf.br/index.php/verboDeMinas/article/view/360>>. Acesso em: 23 jan. 2022.

TITANIC. Direção: James Cameron. Estados Unidos da América: Paramount Pictures; 20th Century Fox, 1997. Streaming, Star+.

YAMANAKA, Juliana Harumi Chinatti. Covid-19: a racialização dos significados sobre a origem de um vírus. **Gláuks - Revista De Letras E Artes**, 2021.